

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Rheyner Soares de Oliveira

SEMELHANÇAS QUANTO À FÉ E RAZÃO EM SØREN KIERKEGAARD E PAUL TILlich

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Prof. Dr. Jonas Roos

Juiz de Fora

2019

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu Rheyner Soares de Oliveira, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201572066, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **SEMELHANÇAS QUANTO À RAZÃO E FÉ EM SOREN KIERKEGAARD E PAUL TILLICH**, desenvolvido durante o período de 11/03/2019 a 05/07/2019 sob a orientação de Jonas Roos, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

Rheyner Soares de Oliveira

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

SEMELHANÇAS QUANTO À FÉ E RAZÃO EM SØREN KIERKEGAARD E PAUL TILLICH

Rheyner Soares de Oliveira¹

RESUMO

O presente texto busca analisar os conceitos de razão e fé no pensamento dos autores Søren Kierkegaard e Paul Tillich em prol de observar em suas obras a relação existente entre os dois termos e então estabelecer as possíveis similaridades entre os conceitos. Para isso será necessário o estudo dos conceitos de mito e símbolo para então apontá-los como expressões da fé e conseqüentemente algo pertencente à subjetividade humana. Pretende-se demonstrar desta forma, a visão dos autores frente a embate entre o processo racional objetivo e os processos subjetivos, tais quais a fé e as artes, analisando assim o paradoxo e suas relações para com o ato de fé. Isto, a fim de constatar o absurdo lógico como inerente ao ato de fé e desta forma demonstrar no pensamento dos dois autores a necessidade do processo racional para que a fé, uma preocupação última e que envolve o ser por inteiro, possa se estabelecer. Será realizado também apontamentos acerca de Santo Agostinho quanto aos conceitos comparados para então estabelece uma relação conceitual na discussão e possivelmente confirmar uma congruência nos pensamentos.

PALAVRAS-CHAVE: Razão, Fé, Paradoxo, Absurdo

Introdução

O presente texto busca trazer à tona, os conceitos de fé e razão nas obras de dois grandes expoentes da filosofia e teologia, Søren Kierkegaard e Paul Tillich. E tem como objetivo principal o estabelecimento de uma comparação visando encontrar pontos concordantes nos pensamentos dos autores ao abordar os temas: razão e fé.

Num primeiro momento, será percorrida, a definição do conceito de fé para Tillich enquanto ser tomado por algo que te toca incondicionalmente. Será necessária, a abordagem dos conceitos de mito e símbolo, para além da relação entre a cultura na linguagem simbólica com a qual estes se expressam. Isto, a fim de tentar demonstrar o mito religioso como reflexo da percepção humana e sua cultura e, portanto, expressão humana de fé.

Em segunda instância, a partir do exemplo de Abraão, patriarca bíblico cujos relatos encontramos no livro de “Gênesis”, ocorrerá também a análise das relações pertinentes ao paradoxo, desde o encontro com o absurdo, à dúvida posterior a este, e a resultante angústia. Estes termos se encontram em destaque nas obras “Dinâmica da fé” de Tillich, e “Temor e Tremor” de Kierkegaard sob o pseudônimo de Johannes de Silentio, e são cruciais ao entendimento das relações entre o pensamento dos dois autores em relação ao que representa no ato de fé, o absurdo e quais suas conseqüências em toda a estrutura da fé.

A partir desse raciocínio, será analisada a necessidade de uma resignação infinita inerente ao ato de fé, a qual se concebe numa preocupação última do indivíduo. Constituindo assim, a fé como um ato do ser por inteiro. Partindo então para as relações inerentes à relação entre a ciência com toda sua objetividade, em contraponto ao amor, a poesia e a fé, posto que são de caráter subjetivo e exigem resignação por completo do ser.

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: rheyner@outlook.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Jonas Roos.

Compõe-se também na discussão, a argumentação em relação à crítica ao não abandono da razão para que haja fé. Posto que, de acordo com a pesquisa, estas não se mostrarão contraditórias, mas que completam a estrutura da fé no salto para além dos limites da razão humana e preocupar-se ultimamente ao ser tomado por algo que te toca incondicionalmente.

Para tanto, será utilizado como reforço argumentativo à proposta de relação conceitual entre Kierkegaard e Tillich, a postura de Santo Agostinho de Hipona, um dos mais importantes filósofos e teólogos a dissertarem sobre a relação entre razão e fé. Isto de forma a relacionar uma possível relação conceitual da perspectiva do santo católico nos conceitos analisados no presente artigo, visto que a similaridade entre o pensamento dos dois autores quanto aos conceitos de fé e razão é o objetivo atual da pesquisa.

O que é fé

Tillich em sua obra *Dinâmica da fé* após constatar a necessidade do uso do termo fé devido à difícil possibilidade do abandono deste termo, ressignifica seu conceito. Para isso é utilizada a ideia de preocupação suprema que confere ao indivíduo caráter essencial à sua existência tal como é necessária à alimentação e à subsistência do ser humano, e, portanto restritiva, pois que confere caráter essencial à vida. Para, além disso, “a preocupação suprema de uma pessoa não se esgota na simples exigência de sujeição incondicional; ela contém igualmente a promessa de realização suprema, que é esperada num ato de fé.” (TILLICH, 1985, p.6). O que conclui desta forma, fé como estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente (TILLICH, 1985, p5).

Para, além disso, Tillich ressalta o mandamento de maior iminência ao judaísmo “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de toda a tua força” (Dt 6, 5) como expressão do que seria uma preocupação última, em que “O último é o objeto de uma entrega total, exigindo também, enquanto olhamos para ele, a entrega de nossa subjetividade. (TILLICH, 2005, p.29)”. O que confere por consequência à fé, caráter de ato do ser por inteiro.

Sendo desta forma, a fé, algo de caráter último, e do ser por inteiro, o que envolve mais do que o subconsciente irracional e a estrutura do consciente racional, vê-se que:

Sendo o ato global e mais íntimo da pessoa, a fé é "extática". Ela é mais do que os impulsos do subconsciente irracional e também vai além das estruturas do consciente racional. Ela os transcende, mas não os destrói. O caráter extático da fé não exclui a razão, se bem que não é idêntica a ela; além disso ele também engloba elementos não-rationais, sem que se resuma nesses. (TILLICH, 198, p.9)

A partir desse ponto, Tillich ressalta a importância de se entender a relação entre a fé como um ato pessoal e centrado, e a estrutura racional do homem que se manifesta em sua linguagem lógica; (TILLICH, 1985, p.9). Desta forma, se faz necessária a constatação do símbolo religioso como consequente à finitude humana e, portanto uma expressão da percepção humana. Como será visto a seguir.

Quanto ao símbolo

Parte-se então para a análise de como é a expressão da fé nas obras de Tillich, visto que “Aquilo que toca o homem incondicionalmente precisa ser expresso por meio de símbolos, porque apenas a linguagem simbólica consegue expressar o incondicional.” (TILLICH, 1985, p.30).

Em sua obra *“Dinâmica da fé”*, Paul Tillich passa pelo conceito de símbolo e símbolo religioso para a compreensão do conceito de fé. O Autor cita como uma característica essencial destes indicarem algo que se encontra fora de si mesmos. É então necessária a diferenciação entre símbolo e sinal, visto que os dois apontam a algo que se encontra fora de si. Para isso pode-se utilizar a diferenciação utilizada por Jonas Ross em que: “sinais não participam da realidade daquilo que eles indicam, ao passo que, no caso dos símbolos, há uma participação ontológica na realidade significada.” (ROOS, s/d, p.14)

Para, além disso, Tillich afirma como característica do símbolo o fato de este nos levar a outros níveis de realidade e que sem este não seria possível alcançá-los. Desta forma o símbolo religioso aponta a algo fora de si, o infinito, o qual um ser finito não conhecerá ou compreenderá. É ele que nos leva a um contato com o divino. É devido à finitude do homem que o símbolo se faz tão importante à compreensão de fé, pois os símbolos atuam como o acesso da esfera do finito ao incompreensível infinito, designando a si mesmos um caráter mundano e divino. Para Tillich:

Fé é direcionamento para o incondicional através de símbolos do condicionado. Cada ato de fé tem, pois, um duplo sentido: ele se dirige de modo imediato para um objeto sagrado. Mas ele não visa o objeto, e sim o incondicional que está expresso simbolicamente no objeto. A fé transcende a imediaticidade de cada coisa em direção ao fundamento e abismo sobre o qual se apoia. (TILLICH, 1959, p. 332 apud GROSS, 2013, p. 21)

O símbolo na expressão religiosa nos leva ao contato com a infinitude. Até mesmo o próprio nome “Deus” é uma representação simbólica dele e este é apenas a interpretação finita encontrada pelos sentidos do homem enquanto ser finito. A própria ideia de Deus que compreendemos é, portanto “o símbolo para aquilo que nos toca incondicionalmente” (TILLICH, 1996, p. 33). O que nos ressalta a importância e dependência da fé para com o símbolo, pois “o símbolo fundamental para aquilo que nos toca incondicionalmente é Deus” e desta forma, Deus é o conteúdo próprio e universalmente válido da fé. Constata-se assim a importância do símbolo enquanto expressão de fé.

Mito, símbolo enquanto expressão da fé.

Pra entender a importância do símbolo para a estrutura da fé, faz-se necessário primeiro entender sua relação com a cultura. Em *Religionsphilosophie*, é comparada a ideia de cultura à de fé a qual, segundo Eduardo Gross, no pensamento de Tillich:

A análise visa por um lado chamar a perspectiva religiosa, de fé, a assumir a positividade representada pela cultura enquanto manifestação da incondicionalidade infinita, e por outro lado indicar que fé e religião não são simplesmente atitudes devotas, mas fé e religião se mostram em cada afirmação de sentido que se apresenta nas realizações culturais apesar, justamente, do caráter paradoxal que afirmar sentido representa. (GROSS, 2013, p.16)

Para Eduardo Gross tanto quanto para Jonas Ross em “Religião, fé e preocupação última em Paul Tillich”, a cultura e a religião se relacionam no ponto em que uma depende da outra para se concretizar. Segundo Roos:

Tillich, procura perceber a religião e cultura não como dois polos opostos, mas como polos que se esclarecem mutuamente. A religião aqui entendida em sentido amplo, dá substância e sentido à cultura, e a cultura é a totalidade das formas pelas quais a preocupação fundamental da religião pode se exprimir. Não se trata de empreender uma fusão entre religião e cultura, mas procurar compreender a correlação existente entre esses dois polos. (ROOS, s/d, p. 11)

Eduardo Gross analisa em seu artigo sobre os conceitos de razão e fé tillichianos passagens como a de Abraão, tal como descrita por Silentio, as quais pode-se ver a participação de Deus, representação finita e limitada pois que é encontrada a partir da percepção e interpretação humana da ideia de Deus, tal como seu próprio nome é.

A partir desta visão, ao se considerar a percepção humana atuante na formação da linguagem simbólica, pode-se perceber o símbolo como consequência desta linguagem. Logo, pode-se concluir também que se ele atém-se aos limites desta linguagem, é, portanto uma expressão humana de fé.

O mito e o exemplo de Abraão

Nos mitos religiosos encontram-se exemplos de comportamento nas relações para com o divino. O contato do profeta com Deus no monte Horeb em que Moisés é ordenado a retirar suas sandálias nos demonstra a forma de se honrar um solo tocado por algo que liga diretamente a finitude humana ao infinito incompreensível, pois a terra onde se encontrava a sarça ardente era santa. E é desta forma que também Abraão destaca-se ao se encontrar diretamente ligado a ideia de fé cristã. O “Pai da fé” é demonstrado pela linguagem simbólica do mito como direcionador da interpretação cristã acerca da postura adotada pela fé, pois se encontra também como exemplo das relações para com a postura da fé.

Abraão viveu sua vida em virtude do absurdo da promessa de Deus em sua vida. Acreditou que sua esposa daria à luz a um filho, mesmo que ela tivesse em idade avançada e fosse considerada estéril. Acreditou que mesmo após ser designado a sacrificar o filho de tal promessa, ele o teria de volta. Acreditou que Deus não o abandonaria apesar do absurdo que vivia.

Durante todo esse tempo conservou a fé, acreditou que Deus não lhe queria exigir Isaac, estando, no entanto, disposto a sacrificá-lo se tal fosse indispensável. Acreditou no absurdo, porque tal não faz parte do humano cálculo. O absurdo consiste em que Deus, pedindo-lhe o sacrifício, devia revogar a sua exigência no instante seguinte. (KIERKEGAARD, 1979, p. 219)

É nítida a relevância dos textos bíblicos acerca de Abraão, o qual se mostra como exemplo chave para o entendimento de fé abordado por Johannes de Silentio em *Temor e Tremor*. Kierkegaard descreve o paradoxo vivido por Abraão ao ser-lhe entregue a tarefa de sacrificar seu próprio filho Isaac. Filho este concebido em sua velhice pela promessa de Deus para com seu fiel o qual significaria a esperança das próximas gerações as quais seriam muitas e benditas em seu nome. O autor concorre destaque ao entendimento do tempo em que Abraão esperou de Deus seu filho prometido, mantendo-se com fé inabalável.

(...) nunca esquecerá que te foram necessários cem anos para receber, contra toda expectativa, o filho da velhice e que tiveste de puxar a faca para conservar Isaac – tão pouco esquecerá que aos cento e trinta anos, não havias ido mais longe que a fé. (KIERKEGAARD, 1979, p. 122)

Fator este fundamental para se entender a fé vivida por Abraão nesta passagem bíblica, o qual é descrito por Johannes, em que Abraão ao se prontificar a sacrificar o filho da promessa para honrar o compromisso com Deus e ao mesmo tempo confiando no absurdo de que no instante seguinte Deus lhe reaveria Isaac, se mostra exercendo o duplo movimento que caracteriza a fé, o de resignar-se infinitamente e esperar reaver tudo que foi entregue.

O exemplo de Abraão cabe bem à admiração poética de Silentio, pois segundo o autor, durante sua vida, o profeta esperou e acreditou que receberia de volta e manteria seu filho prometido por Deus detendo-se na fé e conservando sua resignação infinita. Isto, pois, viveu e envelheceu firme na esperança da realização da promessa de Deus. Jonas Roos ajuda a esclarecer o conceito de resignação, fundamental para a compreensão de fé segundo Johannes de Silentio.

A fé, no entendimento de Johannes de Silentio, envolve o duplo movimento de despojar-se de tudo, mas ao mesmo tempo confiar que Deus permitirá reaver aquele que foi renunciado. O primeiro movimento, o despojar-se, Johannes caracteriza como resignação infinita (ROSS, 2006, p. 76).

É na resignação infinita encontrada no ato de fé que pode se encontrar o absurdo da esperança em reaver tudo de volta, tudo que se resignou. É ao resignar-se infinitamente a ponto de sacrificar seu filho da promessa e esperar tê-lo de volta que se percebe o absurdo à inteligência, de esperar ter seu filho de volta após empunhar sua adaga contra ele.

Paradoxo e absurdo

É a partir do duplo movimento proposto por Silentio que se faz visível o paradoxo da fé, o qual consiste em entregar o melhor de si e esperar reavê-lo mesmo assim. No caso de Abraão no monte Moriija, em primeira instância, o patriarca pretendia sacrificar seu filho (resignação infinita), se tornando um assassino tal como a razão lhe condenaria. Em segunda instância acreditou que seu filho lhe retornaria logo em seguida, caracterizando um absurdo aos olhos da mesma razão que o condena.

Destaca-se assim a dificuldade inerente ao ato de fé ao se deparar com o paradoxo de, como prova de sua confiança em Deus entregar o seu bem mais precioso na esperança de reavê-lo. É necessário para esta análise, adotar o conceito de absurdo abordado por Silentio, tal como descreve Jonas Roos:

O paradoxo apresenta-se como a verdade que quer ser aceita pela fé. E esta verdade quer ser *aceita*, porque o pensamento especulativo não pode explicá-la, ela é um absurdo para a inteligência, não cabe nos padrões da racionalidade humana. Deste modo, entendo que não é possível, no pensamento kierkegaardiano, desconectar as ideias aqui presentes: o paradoxo é o absurdo que não é compreendido pela razão. (ROOS, 2006, p. 54).

A partir dessa ideia, Roos nos define a relação do paradoxo com o absurdo e a própria razão, no entanto, falta entender em que sentido o absurdo é exposto por Kierkegaard, pois tem em si vários significados e devemos entender um próprio ao estudo da fé “Neste sentido, o absurdo não deve ser entendido em sua acepção mais ordinária, como qualquer disparate, quimera ou insensatez, mas como um critério específico que determina o limite da racionalidade humana.” (ROOS, 2006, p. 63). O absurdo é visto como o ponto em que se reconhece não poder ir mais além com a razão, e é a partir dele que se salta para a fé. É a partir dele que a fé se mostra ir além da razão e inteligência humana.

A dúvida frente ao absurdo

A dúvida pertinente ao sentimento de Abraão para com o pedido de Deus se mostra essencial para a constituição da fé, pois é só diante do paradoxo e da dúvida que a fé se mostra como um caminho tão grandioso. Acaso não houvesse absurdo na esperança de reaver Isaac, este não necessitaria superar a razão e utilizar-se de outro viés tal como a fé para satisfazer sua reflexão.

Para Tillich, a fé passa pela dúvida mesmo que em um nível inconsciente pré-concebido, pois estão relacionadas à coragem tomada conscientemente no ato de fé. Portanto na análise da vida de Abraão, pode-se considerar que, para o autor, contém dúvida no pensamento do patriarca ao se deparar com o absurdo lógico da promessa de Deus. Somente após constatar os limites racionais da situação em que Abraão estava é que ele pode optar pela visão da fé e é somente em virtude da dúvida frente ao absurdo que podemos saltar para a fé ao sermos tomados por algo que nos toca incondicionalmente. Segundo Tillich:

Um ato de fé é realizado por um ser finito que está tomado pelo infinito e para este se volta. Trata-se de um ato no âmbito do finito com toda a limitação que como tal lhe é própria; mas também é um ato do qual participa o infinito transcendendo os limites do finito. Fé é certeza na medida em que ela se baseia na experiência do sagrado. Mas ao mesmo tempo fé é cheia de incerteza uma vez que o infinito, para o qual ela está orientada, é experimentado por um ser finito (TILLICH, 1996, p.15).

É desta forma, constatada a presença necessária da dúvida na estrutura da fé. Pois a incerteza encontrada no absurdo se faz necessária para a constatação dos limites da razão humana e, portanto delimita quando se vai além desta, e assim, assume-se a postura da fé.

Angústia humana frente à dúvida

Frente ao paradoxo da fé, temos a presença do absurdo lógico, o impasse racional que estagna a inteligência no processo de obtenção da verdade, processo este causador da dúvida frente ao mistério

que o ato de fé envolve. É justamente a dúvida que gera a ideia de angústia proposta por Silentio. A angústia de não ter a certeza objetiva da verdade religiosa. .

No caso de Abraão, este se depara com o absurdo que causa a dúvida, a qual culmina na angústia da não resolução do questionamento acerca desta dúvida. Daí a admiração kierkegaardiana acerca da passagem vivida por Abraão, a qual concerne á angústia vivida por este frente à dúvida à qual o ato de fé é inerente, papel fundamental para o autor na análise do conceito e postura da fé frente à razão, em prol da entrega de seu bem mais precioso ao sacrifício a Deus. Segundo Jonas Roos:

“Se aquele jovem rico que encontrou Jesus no caminho tivesse vendido todos os seus bens e entregue o dinheiro aos pobres, teria sem dúvida, realizado uma grande ação por ter entregado o *melhor* que possuía, e seu comportamento, certamente, seria louvado por muitos. Aquele jovem, no entanto, jamais seria um Abraão, embora entregasse o seu mais precioso bem. A ação de Abraão em entregar aquilo que tem de melhor envolve angústia, pois ‘enquanto para o dinheiro não tenho nenhuma espécie de obrigação moral, o pai está ligado ao filho pelo mais nobre e mais sagrado vínculo.’” (ROOS, 2006, p.75).

Raciocínio este que culmina na ideia kierkegardiana de tentação, a qual “comumente, (...) é desviar a pessoa de seu dever.” (ROOS, 2006, p.75). Para Abraão, a tentação era seguir o ponto de vista moral, o qual se matasse Isaac estaria de frente o fato de que “De um lado, temos Abraão enquanto assassino que quer matar o próprio filho, de outro, enquanto crente que quer realizar um sacrifício” (ROOS, 2006, p 75).

Pode ser vista a critica Kierkegaardiana aos sermões bíblicos acerca do patriarca encontrado em “Temor e tremor”, na qual, o tempo e o empenho significativo do autor para descrever sua vontade em usar de seu dom da palavra para numa missa, delinear o amor de um pai para com o filho, o amor de Abraão para com Isaac e conseqüentemente sua obrigação moral em zelar por essa relação, se tornam o delineador da distancia entre o ato de assassinar seu filho para com o ato de sacrificá-lo a Deus. Descrever o amor de Abraão para com seu filho se faz significativamente importante para se entender a angústia de Abraão e sua posterior resignação infinita para com a vontade de seu Deus. Constituindo assim um ato tão complexo do ser que exige interação por inteiro. Resignação infinita e preocupação última necessitam da entrega completa do ser, o que inclui até sua subjetividade no processo.

Um ato do ser por inteiro

O ato de ser tomado por aquilo que te toca incondicionalmente toma para si forças inconscientes e conscientes do ser, e requer a resignação deste por inteiro. Ao aceitar levar seu filho ao monte em oferta a Deus, Abraão oferece o melhor de si para honrar sua obediência a Deus, seu filho amado, prometido por Deus e a esperança de suas gerações futuras.

A resignação infinita Tillichiana é vista na vida de Abraão ao passo que este se prontifica a entregar a Deus o melhor de si. Ato este digno do encontro com sua preocupação última. É nesse ponto em que o pensamento de Paul Tillich se encontra com o de Johannes de Silentio, em que Tillich descreve o caráter último da preocupação última por ele proposta:

O último é o objeto de uma entrega total, exigindo também, enquanto olhamos para ele, a entrega de nossa subjetividade. É uma questão de paixão e interesse infinitos (Kierkegaard), transformando-nos em objetos sempre que tentamos transforma-lo em nosso objeto. (TILLICH, 2005, p.29).

É aí que o paradoxo se torna implacável à razão. Esperava Abraão entregar o que tem de melhor em si a Deus e ainda assim crer que o teria de volta? Deus lhe tomaria aquilo que o prometeu?

É assim que seu o exemplo se destaca ao se buscar entender a fé cristã. Motivo este da ênfase de Silentio ao caso de Abraão e toda sua dita poesia à fé. Isto, pois só ao viver a promessa e o paradoxo e prontificar-se entregar o melhor de si, que a razão de Abraão encontrou-se com o paradoxo e os limites de sua finita razão. Apenas desta forma foi realizado o salto, resignando-se infinitamente e entregando a Deus o melhor de si, ultrapassando assim a razão e adotando para si os parâmetros necessários da fé.

Crítica ao abandono da razão

É fundamental ao entendimento do que em relação à fé, é a definição plausível do conceito de razão, em que, ao ser abordado por Tillich, deve ser entendida como a razão técnica, “o instrumento para o conhecimento e domínio da realidade, ao passo que a fé indica o alvo, a cujo serviço está todo calculo e domínio da realidade.”;“(…), uma vez que ela (razão) se ocupa dos meios, e não com o fim.” (TILLICH, 1996, p.50) Relação esta, necessária à compreensão nesse estudo da relação entre fé e razão, ponto ápice da correlação entre os pensamentos de Søren Kierkegaard e Paul Tillich quanto a análise destes dois conceitos.

É também fundamental para o entendimento da fé o fato de que, para os dois autores, a razão continua a atuar no na estrutura da fé, mesmo que ressignificada ao se adotar a fé como parâmetro, pois a razão percorre seus caminhos em busca da verdade e se depara com o elemento fundamental para que o salto ocorra, o paradoxo. É ele que denota o limite do caminho da razão e a distância até a fé. É necessário constatar o paradoxo para que se possa delimitar os parâmetros da fé.

(...) somente um ser dotado de razão pode ser possuído por algo incondicional e distinguir preocupações últimas das provisórias; ele pode assimilar a exigência da lei de conduta e perceber a presença do sagrado. (TILLICH, 1996, p.51)

É nesse ponto que se pode perceber a ligação nítida entre as obras de Kierkegaard e Tillich, pois a fé em virtude do absurdo proposta por Kierkegaard é complementada na relação estabelecida entre fé e razão em “Dinâmica da fé”, de forma que o absurdo encontrado pela razão é necessário para que se encontre a fé enquanto preocupação última.

Quanto à poesia e a ciência

Ao se analisar a obra de Søren Kierkegaard, “Temor e Tremor”, deve se levar em conta, para além de que ele declara isso tendo em mente o conceito de filosofia de sua época, a própria proposta de Johannes de Silentio, a de um texto sem intenções filosóficas e científicas, e sim na intenção de uma admiração poética da fé. Tal como o poeta canta sobre o herói e o amor sem mesmo experimentá-los, Silentio exprime sua admiração acerca da fé por meio do exemplo de vida de Abraão relatada no livro de Gênesis para então “cantá-la”.

Silentio faz de Abraão o foco de sua interpretação da fé cristã e usa das passagens bíblicas para percorrer o ato de fé e o salto vivido pelo profeta ao se deparar com o paradoxo. E para isso o autor usa do recurso poético em prol de evitar uma análise sistemática da fé.

Isto, pois, segundo Kierkegaard, a especulação racional da fé, não se faz suficiente para entender um ato tão interior e subjetivo do ser. Compõe assim uma crítica ao sistema Hegeliano. Segundo Kierkegaard a razão não compreenderia a fé, pois o conteúdo desta é o próprio absurdo, como descrito em “Pós-escrito”, e, portanto um caminho o qual a razão não ultrapassaria. Desta forma, a razão hegeliana não seria capaz de compreender a fé, pois trata do que é objetivo e concreto.

A especulação é objetiva e objetivamente não há para um ser existente nenhuma verdade, mas apenas uma aproximação, pois quando ele se torna internamente objetivo é impedido de existir. O cristianismo, ao contrário é subjetivo. A interioridade da fé no crente é a decisão eterna da verdade. (KIERKEGAARD, Pós-Escrito 1978 p.250 apud ROOS, 2006, p.55)

Dai vê-se o porquê de um texto poético ao se abordar o tema da fé, pois tal como o símbolo, “A poesia, as artes visuais e a música revelam níveis de realidade que não poderiam ser percebidos de outra forma”

(TILLICH, 2009, p. 100). Desta forma, portanto, a poesia se faz mais apta a percorrer o tema em detrimento da ciência, a qual, limitada pela razão não tem em si os artifícios necessários para compreender a fé.

Ao se analisar a perspectiva tillichiana, percebe-se tal desencontro dos objetivos da ciência e a fé:

A verdade de uma afirmação científica depende do quão adequadamente as leis estruturais são descritas e confirmadas através de repetidas experiências. (TILLICH, 1996, p. 51)

A fé, por outro lado, lida com verdades e certezas existenciais. O fato de sermos possuídos por algo que nos toca incondicionalmente é uma questão existencial e de certeza subjetiva. A verdade da fé e sua articulação de sentido para a existência, em termos simbólicos, e a verdade da ciência e suas descrições objetivas da realidade, operam em bases diferentes. (ROOS, s/d, p. 13)

É visto desta forma as bases estruturais da ciência de forma que “a ciência só pode entrar em conflito com a ciência, e a fé apenas com a fé” (TILLICH, 1996, p. 55), e, portanto não cabe a uma entender a outra vice versa, tal como dois edifícios construídos lado a lado, os quais não se tocarão por crescerem em sentido vertical com origem em pontos diferentes. E por serem edificadas sobre bases diferentes, crescerão verticalmente sem se tocarem, como retas paralelas em um plano cartesiano.

Base conceitual da discussão

Similaridades nos pensamentos Kierkegaardiano e Tillichiano podem ser constatadas quantos às suas possíveis influências pelo pensamento Agostiniano, as quais podem ter influenciado na relação à cerca de razão e fé para os dois autores. Agostinho de Hipona, grande influenciador do pensamento teológico cristão e filosófico, também explora a relação entre razão e fé e conclui um pensamento também não excludente do processo racional, não propondo uma irracionalidade como caráter da fé tal como os autores citados, propondo também o não abandono da razão ao se analisar o ato de fé, exceto por uma precedência metodológica da fé sobre a razão.

Pode se observar uma análise no estudo de Agostinho de Hipona, referente aos conceitos de razão e fé, um caminho singularmente parecido. No pensamento do santo, razão e fé estão ligadas intrinsecamente, principalmente ao se levar em conta seu pensamento cristão e segundo este, o fato de Deus ter feito o homem dotado de razão, diferentemente dos outros animais, e, portanto, não nos negaria o usufruto de algo concedido por ele. O que vai de acordo com o pensamento de Mariana Paolozzi Sérvulo da Cunha, no artigo “Santo Agostinho: Fé e razão na busca da verdade” o qual:

Pode-se dizer que a relação entre a fé e a razão, para não se deturpar, exige três principais momentos: 1 – preparação para a fé pela razão; 2 - ato da fé; 3 – inteligência do conteúdo da fé. No entanto, nem sempre se transita livremente e sem sobressaltos de um para outro momento passando-se por essas três etapas (CUNHA, 2012, p.418)

E segundo as palavras do Padre Manuel da Costa Freitas, em “razão e fé no pensamento de Santo Agostinho”:

(...) esta precedência metodológica da fé sobre a razão é, no mínimo, muito razoável, como vimos. Isto quer dizer que a racionalidade permeia todos os actos autenticamente humanos. Se a autoridade exige fé e prepara o homem para o exercício correto e expedito da razão, a razão por sua vez, conduz à compreensão e ao conhecimento daquilo em que se acredita, numa permanente circularidade de mútua e crescente potenciação.(COSTA, 1999, p. 4) .

O caminho percorrido por Agostinho se assemelha em suas diretrizes aos pensamentos de Kierkegaard e Tillich no passo que assume a dependência entre os conceitos de razão e fé tal como estes. Também propõe uma precedência metodológica da fé sobre a razão, fato que Silentio assume como que parcialmente ao compreender a fé como uma expressão subjetiva do ser e, portanto necessário um olhar de subjetividade para abordá-lo. Faz-se assim necessária uma perspectiva, subjetiva como a poesia e a própria fé para então se poder vislumbrar a subjetividade destas, tal como para Agostinho é necessário ter fé para então tentar compreendê-la.

Desta perspectiva, Agostinho vai de encontro ao raciocínio de Kierkegaard a partir da necessidade de se estar tomado pela fé para se tentar entendê-la. Não cabe a uma perspectiva objetiva como a racionalidade

entender algo de caráter tão subjetivo e particular, mas sim delimitar razão e fé, partindo da constatação da presença do absurdo, ato fundamental para a fé.

Ao se analisar “A Dinâmica da fé” de Tillich, pode-se também ver seu pensamento indo de encontro ao mesmo caminho abordado por Silentio e Agostinho ao passo que, segundo Tillich: “A poesia, as artes visuais e a música revelam níveis da realidade que não poderiam ser percebidos de outra forma” (TILLICH, 2009, p. 100), fato que corrobora a perspectiva poética abordada por Silentio em “Temor e Tremor” e a precedência metodológica da fé em Agostinho, pois, confere à análise de algo de caráter subjetivo, a necessidade de uma perspectiva tão subjetiva quanto.

Conclusão

O objetivo principal deste texto é o estabelecimento de uma comparação visando encontrar pontos concordantes nos pensamentos dos autores Søren Kierkegaard e Paul Tillich ao abordar os temas: fé e razão. Para isso, foi visto a relação do mito religioso e o símbolo concluindo-o, portanto como expressão humana. O que por sua vez demonstra o mito religioso como reflexo da percepção humana do mundo e sua cultura e, portanto, expressão humana de fé. Ponto em que os dois autores usam como base na estrutura da relação do fiel para com a fé.

É visto, com o exemplo de Abraão, Johannes de Silentio percorrer o paradoxo e suas relações e desta forma, concluir o absurdo referente ao paradoxo como conteúdo da fé. Portanto, conclui-se que o absurdo, a dúvida que o permeia e angústia que culmina, são necessárias à estrutura da fé. Desta forma configurando assim a análise racional como pertencente a esta estrutura e não uma proposta em sentido a irracionalidade, ponto ápice da proposta de Silentio ao propor a fé em virtude do absurdo, e a de Tillich ao constatar a dúvida como também inerente ao ato da fé enquanto ser tomado por algo que lhe toca incondicionalmente.

Vê-se também a postura similar entre os autores quanto ao caráter subjetivo das artes e da fé, portanto algo que a razão e a ciência não conseguem postular como verdade. Cabe à lógica humana ater-se a delimitar a distância encontrada da razão ate o ato de fé.

Ao se analisar o tema proposto no último capítulo do texto, pôde-se constatar similaridades também no pensamento de Santo Agostinho de Hipona, grande precursor na discussão acerca do embate entre razão e fé. E devido a isso, encontra-se por sua precedência histórica, como direcionador do pensamento dos autores quanto a esta necessidade inerente da fé, de possuir em seu movimento, a análise racional. Configurando, desta forma também, outra concordância entre os autores acerca do absurdo, dúvida e a conseqüente angústia. O que desta forma, deixa claro a postura concordante dos autores de que inerente ao ato de fé existe um processo racional, inteligível, mesmo que para ter apenas o poder de constatação do paradoxo religioso, em função da distância deste ate o ato de fé.

REFERÊNCIAS

COSTA, Manuel Freitas "Razão e fé no pensamento de Santo Agostinho": Lisboa, Didaskalia, fasc. 1 e 2 ,1999

CUNHA, Mariana Paolozzi Sérvulo. Santo agostinho: fé e razão na busca da verdade: Belo Horizonte, Perspectiva Teológica, Ano 44, Número 124, 2012

GROSS, Eduardo. O conceito de Fé em Paul Tillich-Tillich's Concept of Faith: Revista Eletrônica Correlatio v. 12, n. 24, 2013

KIERKEGAARD, Søren Aabye. Temor e Tremor (Coleção os Pensadores). Tradução Maria José Marinho. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

KIERKEGAARD Søren Aabye, Textos selecionados. Trad. E notas de Ernani Reichmann. Reimpressão. Curitiba: UFPR, 1978

ROOS, Jonas. Razão e fé no pensamento de Søren Kierkegaard: o paradoxo e suas relações. São Leopoldo: Sinodal, 2006

ROOS, Jonas. Religião, fé e preocupação última em Paul Tillich. s/d. (mimeo)

TILLICH, Paul. Dinâmica da fé. 5ª. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

TILLICH, Paul. Dinâmica da fé. 3ª. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1985.

TILLICH, Paul [ALBRECHT, Renate, Ed.]. Gesammelte Werke, 2. Aufl. Stuttgart : Evangelisches Verlagwerk, V. I: Frühe Hauptwerke, 1959.

TILLICH, Paul. Teologia Sistemática. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2005.